

O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos
PROPRIEDADE DO
GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES
EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração
Rua do Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.^o
Composição e Impressão
TRAVESSA DA AGUA DE FLORES, 35 - LISBOA

GOLPE DAS DIREITAS

A despeito do fracasso da tentativa de 4 de Março, os conservadores, os homens da direita, proseguem infatigavelmente no seu fito—conquistarem o poder por meios revolucionarios. Neste aspecto abandonam as suas teorias de ordem social e legalidade e confirmam a nossa teoria, isto é, que o poder só se conquista pela Revolução.

Vivemos aqui, em Lisboa, sob a ameaça dum golpe de mão das direitas, que consideramos inevitável e possivelmente triunfante.

Devemos convir que nós, os homens da esquerda, temos a maior responsabilidade nesta situação que se aproxima e que bem a merecemos.

Depois da manifestação de 13 de Fevereiro, sob a parca de forjas do proletariado, era legítimo esperar que a agregação das forças proletarianas se mantivesse. Não era possível chegar-se a outro objectivo? Restaria o do combate incessante às forças da direita, mantendo vivo o movimento da opinião que se levantara.

A Batalha voltou à campanha de difusão da Revolução russa, com o relatório João Tarmer, fazendo coro com o *Seculo*, e até um comunista lançou em rosto ao Manuel Joaquim de Sousa esta terrível acusação—o ter-se recusado eleitoralmente. Tudo desorientado.

Francamente, nós não consideramos uma solução para o momento o objectivo para a União dos Interesses Sociais esta coisa simples: *Combate incessante das forças da direita*.

É um programa defensivo; é um programa destrutivo simplesmente e não construtivo. Era pouco para o momento. Nós esforçamo-nos para que o P. C., o P. S., os partidários da I. S. V., a C. G. T. e a F. N. C. concertassem um plano comum, um programa de realisações imediatas que, sem ser tudo o que as diversas escolas socialistas pretendem, não fosse também a continuação do existente, programa que servisse a lançarmo-nos para fora na agitação e conquista das massas, com o fim ultimo da conquista do poder.

Certamente isto não seria possível com o anarquismo da C. G. T., e então resignar-nos-íamos a ficar na União dos Interesses Sociais, exclusivamente para combater a acção das direitas.

Mas sucedeu o seguinte: alguns politicos categorizados do regime foram convidados para fazerem parte da U. I. S. Na U. I. S. estavam já também alguns organismos republicanos que não representam correntes de opinião de considerar, e que são simples taboetas para exhibição de vaidades e de mediocres. Por outro lado, os anarco-socialistas ficaram na U. I. S., mas individualmente. É natural que eles tenham em muita conta o seu valor pessoal, mas para nós o que valem são os organismos e não os homens. Uma U. I. S. para fazer alguma coisa — publicações, manifestos, comícios em Lisboa e na provincia, precisava de apoiar-se em organismos com possibilidades financeiras e responsabilidades morais. Os que se trastravam mais assíduos eram os socialistas, mas estes mesmo — o isto não vai em ar de censura — com o objectivo eleitoral, supondo ingenuamente que os anarco-socialistas — aliás sem nenhuma possibilidades electorais por não estarem reconhecidos — embarcariam no bote das eleições socialistas.

Tudo isto era pouco serio, e nós, que costumamos tratar com seriedade as cousas serias, não tínhamos outro caminho a seguir senão abandonar

A SUBLEVAÇÃO DE HAMBURGO

Larissa Reisner vem publicando em *La Correspondance Internationale* alguns episódios da sublevação de Hamburgo que pelo que tem de interessante e instructivo não podemos fugir à tentação de transcrever:

Um chefe. — A 21 de outubro reuniu a conferencia dos trabalhadores dos portos de Bremen, Kiel, Rostock, Stettin, Lubeck, Hamburgo, etc. A maior parte dos delegados são social-democratas. Mas muitos deles veem dos estaleiros onde a greve está já declarada ha muitos dias. Na assembleia trava-se um duelo encarnado entre o delegado social-democrata de Stettin, hurocrata com 28 anos de carreira, e T., um homem quadrado, maciço, que trevoja na tribuna e que tem nas suas mãos as redes da insurreição.

Nesse dia T. devia simultaneamente apressar os retardatarios e moderar os impacientes.

Nessa noite chega um correio com a noticia de que houvera explosão do movimento em Saxe, noticia que era falsa. A ordem da greve geral é imediatamente lançada em todos os bairros de Hamburgo. Cem mil homens lançados na rua dão já a cidade todo o aspecto da insurreição. Segundo correio. Fala de reuniões em Altona e Neustadt e traz noticias fantasistas da mobilização do exercito russo e da chegada de submarinos sovieticos.

Pela noite adante o Comité Revolucionario delibera. Os chefes militares recebem com inteira satisfação as ordens de combate. T. que durante algumas horas resistia à corrente entretendo a revolta que ameaçava lançar-se prematuramente nas ruas, dá, enfim o sinal e a torrente insurreccional irrompe...

A retirada. — O bairro silencioso sobre o qual o crepusculo desceia, está cortado em dois. Ao centro, 1.500 policias haviam feito irrupção. Nesta massa de tropas destacam-se como pedras num braceleto os automoveis blindados postados em parte das barricadas.

Os nossos postos mantem-se energeticamente. Mas o tempo trabalha contra eles. A obscuridade favorece o inimigo.

Ao longo da rua, nos dois passeios, desenrola-se a dupla cadeia das patrulhas. O oficial que as comanda bate com o punho do seu revolver num pobre diabo dum intelectual que tivera a imprudencia de sair para a rua em momento tão critico. Era o camarada K., uma das almas da revolta.

Esta filarmónica sem possibilidade de afinação.

Ainda chegamos a publicar um manifesto-programa que poderia servir de base a qualquer união solida e proveitosa. Mas ninguém se mexeu, cada grupo preocupado com a sua questão especial e nenhuma importância ligada ao conjunto da situação, sem idéas nem soluções sobre ela. E agora? O P. C. manterá os seus pontos de vista — proseguimento da agitação para a conquista das massas, tendo como finalidade o governo dos operarios e dos camponeses. Estupidamente, maliciosamente, não se tem feito outra coisa senão sacrificar os interesses do proletariado ao espirito de seita. E poderá este crime ficar impune? Certamente que não. Pode demorar o castigo, mas ele virá infalivelmente. A seu tempo o proletariado exigirá as devidas responsabilidades a quantos tem conccorrido para o prolongamento da sua desdita e sujeição

naquelle dia a policia deixara já por duas vezes escapar por entre os dedos. Meia hora mais tarde K. dava ordem aos seus atradores para desfilar.

Trata-se de evacuar o bairro cercado e inundado de inimigos invisiveis.

É um a um, pelos rebordos dos telhados, pelas trapeiras, pelas chaminés, suspensos sobre o abismo, eles lá vão ocupar uma nova posição. Ninguém cas, ninguém é detido, nenhum se extravai. De manhã os 35 atradores de K. estão entroncheirados numa meia lua formada por um troço da via ferrata. De novo se trava a batalha e as balas são bem colocadas no inimigo. Da parte deles 50 espingardas novas interveem. Mas parecem brinquedos. A policia havia-se tomado num club de caçadores. Tres assaltos contra os insurretos deste reduto se produziram mas outras tantas vezes a policia é forçada a retirar com graves perdas.

Aos vermelhos este dia de combate custou quatro mortos.

O fim. — No dia 24 o grupo principal não recebendo noticias da insurreição no país viu-se na necessidade de ordenar a retirada definitiva. A insurreição não tinha sido vencida mas continuava a luta, isoladamente, em Hamburgo, não serviria de nada. Não é facil de dar uma ordem de retirada a uma cidade ébria da sua vitória, onde de um minuto para o outro a defensiva se pode transformar em ofensiva, onde estão de pé centenas de barricadas, onde 10.000 operarios se preparam para o assalto decisivo, para este grande acto de guerra civil que é a tomada do poder.

O primeiro correio que vem das barricadas trazer a ordem de retirada é recebido com um formidavel assobio de reprovação. Era um bravo e velho

operario P. que fora encarregado desta missão. P. sentiu a tentação de fazer saltar os miolos tão merecido lhe parecerá o assobio reprovativo dirigido a ele que se batera como um leão. Houve resistencia. Mas a autoridade e a energia de T. impôs a retirada.

E a retirada começa, mas combatendo sempre, uma retirada perfeitamente organizada sob a protecção de atradores colocados nos telhados e janelas. Nenhum destes deixou o seu observatorio serio enquanto o ultimo camarada não evacuou em baixo a sua barricada, enquanto o ultimo ferido não desapareceu na porta duma casa amiga. Todo o dia os atradores da retaguarda sustentaram o fogo, mantendo em respeito o inimigo, passando dum bairro a outro, sobre as goteiras escoregadas dos telhados, suspensos por cima das ruas, de espingarda em punho. A policia encontrara enfim o vazio na sua frente e a luta transformou-se em perseguição. Mas a população inteira vinha em socorro da heroica retaguarda. Feridos, hirutos, negros do fumo, com o vestuario em farrapos, eles atiravam sempre de cima dos telhados e por fim faziam irrupção em alojamentos desconhecidos, onde mãos amigas os ocultavam e reconfortavam.

O velho P. foi um dos ultimos a escapar-se. Exausto de fadiga, bebado de sono, incapaz de subir aos telhados, deteve-se pela ultima vez, em baixo, na hombreira duma porta — a da salvagem, para queimar com alegria os ultimos cartuchos. A porta ficou crivada de balas mas por felicidade nenhuma o tocou. Ele havia posto à volta do pescoço enegrecido uma gravata de cores berrantes.

— Para que queras uma gravata tão espaventaosa?
— Quería morrer endomingado — replicou o heroe.

DEMOCRACIA

«Nós não estamos preparados como os comunistas russos, para renegar o proprio principio da Democracia.» — Buxton.

O relatório da delegação à Rússia dos Sovietes, que acaba de ser publicado ha poucos dias, prova os satisfactorios progressos que se tem feito sob a direcção bolchevique. O relatório é a Unidade Sindical Internacional será contudo atacado pelos nossos socialistas da direita em dois pontos a saber: a Georgia e a não existencia de democracia politica na Russia.

Que democracia politica é esta cuja ausencia da Russia é deplorada pelo Partido Trabalhista Independente?

Democracia politica é o sistema eleitoral que prevalece nos países capitalistas, em que o controlo da terra, da finança e da industria estão nas mãos da classe capitalista em que os principais postos de administração e coerção do Estado estão nas mesmas mãos e em que como consequencia desta dominação economica e politica os capitalistas tem o monopolio das fontes de educação, informação e propaganda.

Este sistema eleitoral chamado Democracia leva a massa do povo a ter voto e a fazer uso dele, enquanto os votantes estiverem sujeitos à propaganda capitalista.

Uma vez que estes votantes se utilizem dos seus direitos para desafiar a ordem social capitalista, a classe capitalista está preparada para destruir o regime democratico e dar a algum eleitor recalcitrante excelentes e refrigerantes doses de Fascismo. Por outras palavras, a democracia politica não é mais que o disfarce da ditadura da classe capitalista.

Os bolshviques violaram esta beleza de regime recusando o voto aos capitalistas, apoderando-se das fontes de educação e propaganda, suprimindo a imprensa burguesa e privando os capitalistas do controlo sobre a grande industria e os bancos.

Em vez da democracia, que é simplesmente a ditadura da burguezia disfarçada, eles implantaram uma franca ditadura proletaria, uma ditadura contra a burguezia, uma democracia para os trabalhadores.

Chorando a falta de democracia na Russia, os socialistas da direita deploram que os trabalhadores tenham a direcção real dos seus destinos em vez da simulação disso concedida pela posse do voto num Estado burguez; deploram tambem que os jornaes e partidos burguezes tenham sido suprimidos. Em resumo: eles lamentam que os proletarios russos tendo vencido os seus inimigos em luta aberta e franca não lhes tenha facilitado depois a preparação da contra-offensiva.

Todos os trabalhadores ingleses devem compenetrar-se de que as formas de governo não são dependentes das bases economicas da sociedade.

Democracia politica é a forma de governo adaptada ao capitalismo moderno. Tentar impô-la à Russia é impôr uma forma de governo capitalista a uma sociedade que se esforça por se tornar Socialista; por outras palavras, quando como o fizeram os sr.s Buxton e Hunter, nós prestamos homenagem ao Ideal do Liberalismo burguez, inevitavelmente nos tornamos contra-revolucionarios.

(De *The Workers Weekly*)

NÓS E A "BATALHA,"

A Batalha, órgão da C. G. T. a que são adherentes milhares de captadas nossos simpatizantes, voltou de novo à campanha tradicional contra a Revolução russa.

Não temos empenho algum em discutir com a *A Batalha* senão no campo puramente doutrinario. De resto, entendemos que perante a evidente ameaça das direitas, todas as lutas entre agrupamentos proletarios devem cessar, conjugando-se os esforços contra o inimigo comum.

Mas *A Batalha*, jornal que se diz operario e revolucionario, persiste em despejar contra a Revolução russa todo o lixo recolhido nas margetas dos jornais burguezes.

Certamente, pode discordar-se das soluções do P. C. B., que não cingita as suas responsabilidades. Os revolucionarios russos não tem a pretensão da infalibilidade. Zinoviev, a figura mais representativa da I. C., ainda o ano passado no 5.^o congresso mundial disse: — *Cometemos alguns erros*. Por consequencia, os nossos principios, as nossas soluções, são discutiveis e não intangiveis.

Mas uma coisa é discutir as nossas idéas, outra é combater sistematicamente a Revolução russa. Não merecem a *A Batalha* a menor consideração os 6 milhões de operarios da C. G. T. russa que apoiam aquela Revolução e nota tem responsabilidades effectivas, por isso que tem os seus delegados em todos os organismos de direcção, desde o Soviete local até ao Conselho de Commissarios? Para os nossos anarquistas, os operarios russos são carneiros e inconscientes conduzidos pelo P. C. R., e vá de salpicos logo com a lama dos jornais burguezes. Já assim falavam quando eles, roídos de fome e de parasitas, combatiam contra os exercitos de 14 Estados capitalistas. Já se viu mais negra traição e maior perda cometida contra a classe operaria? Porque não se pode negar que, no menos, a Revolução russa é uma revolução operaria.

Supunhamos que amanhã os operarios Italianos ou os espanhóis, guiados pelos anarquistas faziam a sua revolução... Qual seria o nosso dever como revolucionarios e partidarios da luta de classes? Combater a revolução dos operarios Italianos ou espanhóis só porque era dirigida por anarquistas? De modo algum. O nosso dever, como partido operario, seria apoiar, sem condições, toda a revolução operaria, fosse qual fosse a tendencia que a cheffasse. Porque acima de tudo queremos o triunfo da classe operaria. E uma attitude diversa, seria uma traição.

A Batalha não tem obrigação de defender os principios da I. C., nem ninguém lhe exige isso, mas tem o dever, como jornal operario, de respeitar o sacrificio e o esforço dos operarios russos, embora os considere mal orientados; tem o dever ainda, como órgão da C. G. T., de respeitar os sentimentos e simpatias dos milhares de operarios adherentes à C. G. T., que vêem na Revolução russa uma esperança de emancipação e que com o seu esforço e o seu dinheiro de algum modo contribuem para a manutenção de *A Batalha*.

O contrario é traição e perdica contra a classe operaria.

Os camponeses e a Revolução

No proximo numero publicaremos sob este titulo um notavel artigo do nosso estimado e inteligente camarada Augusto Rodrigues, cuja leitura recomendamos.

Os sindicatos pequenos, dizem os defensores do actual sistema, podem possuir mais consciencia do que os sindicatos grandes. Em primeiro lugar, não são os sindicatos que possuem ou deixam de possuir consciencia, mas sim os seus dirigentes. Ora estes não são perpetuos, renovam-se. E assim o sindicato bem dirigido hoje não se afeiçoa amanhã. E depois, qual é o criterio seguro, infalivel, para avaliar o grau de consciencia de tais ou tais individuos. Teria infalivelmente de cair-se no arbitrio. Porque arbitrio é afinal o sistema de representação em que vivemos.

Esta problema do voto proporcional carece de ser resolvido em termos justos e logicos. A classe operaria não pode ser rebancho de Panurgio para os imbecis tocarem com a sua vara. Se a classe operaria se não dispõe a resolvê-lo é porque não tem energia, não tem dignidade, não tem principios e então merece a sorte que tem.

É a nossa proposta de resolução deste magno assunto.

Os sindicatos terão direito nas reuniões locais e federações de industria e estas na C. G. T. aos seguintes votos:

- Organismos que tenham até 100 filiaes, 1 voto;
- Organismos tendo de 101 a 250 filiaes, 2 votos;
- Organismos tendo de 251 a 500 filiaes, 3 votos;
- Organismos tendo de 501 a 1.000 filiaes, 4 votos;
- Organismos tendo de 1.000 a 2.000 filiaes, 5 votos;
- Por mais cada 1.000 filiaes ou fracção, 1 voto.

O mesmo principio se deve aplicar em referencia aos congressos.

Toda a gente dirá: — é uma coisa sensata e razoavel. Não pensarão assim os anarquistas. Que lhes importa a classe operaria? O proletariado serve-lhes como contribuinte e nada mais.

O actual sistema tem como consciencia os sindicatos esquivaram-se a apresentação exacta dos seus efectivos.

Se eles não tem interesses nenhuns em terem maior população sindical todo o cuidado consiste em reduzir os efectivos a fim de pagarem menos. Isto é dos livros o é preciso ser-se pago para não vól-o.

Com esta questão do voto é conexa a questão do quantitativo da quota.

E' demais 65 centavos por individuo e por mez. Estabeleça o proximo congresso a quota mensal de 30 centavos por mez e por individuo e o voto proporcional e a C. G. T. verá triplicar os seus efectivos.

A'S CELULAS

Varios camaradas da provincia insistem habitualmente por instruções quanto ao funcionamento das celulas, sobretudo no que respeita á montagem da sua escritorio.

Neste sentido nada há a modificar. Nada de complexões; é preciso repetir sistematicamente todas as tentativas de burocratização.

Além dos selos e selos da cobrança, não é preciso na celula mais que um verbete de descarga para cada filiaes, a folha de matrícula ou livro caixa e um livro de actas. Nada mais do que isto. O que exceder este material de expediente é dinheiro e tempo perdido.

Há camadas extremamente protocolares que são verdadeiras negociações revolucionarias, autenticas empatas...

Podem considerar-se revolucionarias estas creanças para quem o protocolo é tudo e a acção é nada?

O que nos interessa é que as celulas reúnem e discutam todos os problemas que nos interessam — a actual situação politica, o proximo acto eleitoral, a unidade sindical internacional, o desemprego e a vida cara, o governo dos operarios e dos camponeses, etc., etc. Alvitrem, digam coisas, apresentem iniciativas, que nos permitam ampliar a discussão e corrigir erros onde porventura os houver.

Em tudo o que respeitar a politica geral, questões theoreticas e tacticas devem os camaradas dirigir-se ao secretario geral do P. C. P.; no que respeita a assuntos financeiros do P. C. ao tesoureiro Rodrigues Loureiro, no que concerne a assuntos do Jornal e Biblioteca e Ferreira Godinho com a direcção comum da rua do Aroo do Marquez de Alegrete, 30, 2.

Finalmente, no que respeita a expediente, folhas de matrícula, verbetes, livros de escrita, etc., dirijam-se a Joaquim Cardoso, rua dos Poissas de S. Bento, 27. — Lisboa.

Os ataques continuos de Emma Goldman contra a Revolução Russa levam-me a passar em revista a minha propria evolução antes e depois da data memoravel de 7 de Novembro de 1917, em que os operarios e os camponeses russos fizeram a primeira brecha na cidade capitalista. Aos dezesseis anos tornei-me discipulo de militantes revolucionarios como Parsons, Spies, Fisher, Engel e Lingg. Destes camaradas sauaradas eu recebi os ensinamentos do comunismo anarquista e desde então fiquei um adoptado da filosofia social dos chamados heróis de Chicago.

Os matres de Chicago separaram-se dos socialistas por verem a impossibilidade de, por meios pacificos, chegar-se á destruição do sistema capitalista. Eles abandonaram completamente a politica, julgando que ella representava uma perda de energia e concentraram toda a sua atençao no dominio economico. Possavam revolucionar os sindicatos ou os quais esperavam chegar á destruição do capitalismo por meios revolucionarios.

O lado fraco do anarquismo

A medida que o tempo decorria e a minha experiencia pratica se desenvolvia começava a ver os pontos fracos da propaganda anarquista. Uma revolução espontanea saida de uma grande greve tornaria sem duvida o sistema capitalista, do facto eu não via outro caminho praticavel.

Mas uma vez que os trabalhadores se tivessem apoderado do controle da industria como se poderia proteger a industria da contra-revolução que se esforçaria por estrangular o proletariado?

Sem contradita, era necessario organizar um exercito de defesa. Sem uma tal defesa, os trabalhadores seriam massacrados e os que escapassem ao massacre não escapavam á escuridão.

Eu sentia que era mais difficil manter a Revolução do que fazê-la. Fazer a Revolução é obra de alguns dias; mantê-la é tarefa de varios anos. Nestas condições contar com uma defesa espontanea seria loucura. A minha experiencia sindical havia-me ensinado que os homens davam ter uma organização e uma direcção, senão, só com a defesa individual, eles serão implacavelmente esmagados pelos adversarios organizados e disciplinados.

Uma defesa organizada constituiria um governo revolucionario e os anarquistas opõem-se a toda a forma de governo.

Na verdade, eu sentia que nos era preciso modificar os nossos principios a este respeito e constatei que aqueles dos meus camaradas que tinham a experiencia sindical se inclinavam a pensar como eu. Eu tinha estudado a historia da Comuna de Paris e visto como ella fora vencida.

A tactica dos bolcheviques

Durante muitos anos esta linguagem da minha filosofia atormentou-me. Por isso é facil imaginar com que vivo interesse segui os acontecimentos da Rússia. Vi que os bolcheviques estabeleceram imediatamente um governo revolucionario e tomaram a direcção da Revolução. Eles sabiam o que a Revolução devia fazer para ser jma Revolução operaria. Eles não deixaram nada ao acaso. Organizaram o Exercito Vermelho e com elle bateram as bordas dos inimigos. E o Exercito Vermelho ficou de pé como uma defesa da Revolução enquanto as suas fronteiras subsistirem as ameaças de invasão e ataque do capitalismo.

Pela primeira vez na Historia os trabalhadores mandam em sua casa. Eles arrancaram os parasitas dos seus palacios, os patrões das suas fabricas, os senhores das suas terras. Por isso os capitalistas do mundo inteiro, com um verdadeiro insinuo de classe, reclamaram em altos brados a supressão dos *loucos da Russia vermelha* e os governos capitalistas os auxiliaram com dinheiro, com homens, com provisões e armamento. Mas em todas as frentes de batalha ellas foram rechazadas pelo Exercito Vermelho. Sem este Exercito o que seria da Russia proletaria?

A conduta revolucionaria

O acto desta Revolução historica e a sua luta terrivel pela existencia me mostraram que as minhas duvidas anteriores eram bem fundadas, que nenhuma revolução poderia viver com

uma poderosa organização de defesa. O estudo de Revolução russa teve para mim um valor infinito e longo de me fazer juntar aos racionais da contra-revolução, porque alguns anarquistas haviam sido presos, os lavantes e minha frase vos para desfudê-la. Parecia-me uma hedionda traição atacar os bolcheviques por eles não contradizerem a Revolução segundo a teoria que me fora tão querida. Não sabia se eu e os meus camaradas collocados em situação semelhante se seríamos obrigados a constatar a impraticabilidade das nossas theorias e a adoptá-las ás circunstancias. Estou convencido de que não sacrificariamos a Revolução no altar duma teoria insipida eavel.

Que os bolcheviques tenham realizado a Revolução e a tenham defendido heroicamente, isso basta a reverer os meus aplausos.

Proximidade de grandes acontecimentos

Reconheço que o maior acontecimento historico se prezaria já com a Revolução russa e que o sono longo tempo associado está em via de realização. Os revolucionarios do mundo inteiro serão influenciados e encorajados por esta obra oologica e admirável e nascerá positivamente um grande movimento que absorverá o globo como o incendio devora a floresta. Dum tal movimento eu não me alhearia porque sei que agraria um conformidade com a experiencia russa.

E é dever de todos os revolucionarios pôrem acima de tudo o conhecimento util adquirido na experiencia para a luta final. Os velhos movimentos cristallizaram em torno de dogmas venozaveis e reconam modificar a sua tactica em presença duma experiencia nova.

A Internacinal Comunista

O novo movimento brotará do solo fecundo da Russia nova destinada a converter o mundo ao ideal comunista. A Internacinal Comunista é o frato saxonado da Revolução, tendo a influencia e o prestigio duma grande obra já realizada. E' o mais realista de todos os movimentos tendo por fim a emancipação do Trabalho. Ella liga pouco a pouco os operarios e camponeses de toda a parte e lança o grito: — *Tudo o poder nos trabalhadores* — e tem um programa dos mais effices para atingir em tal fim. Ella apia-se na inter-dependencia dos fenomenos politico e economico.

O Partido Comunista não perdiha a ilusão social-democrata de que o poder pode ser conquistado com o boletim do voto eleitoral. Pelo contrario, não cessa de repetir aos trabalhadores, que a queda do capitalismo não se pode operar senão pela acção revolucionaria. A tactica comunista no terreno parlamentar consiste em esfaçar-se o inimigo. E' um modo de propaganda, um meio para contrabalançar a acção capitalista no terreno politico.

A ditadura, proção necessaria

A edificação duma sociedade dos trabalhadores é difficilmente a obra dos trabalhadores. Por isso a inevitavel ditadura do proletariado. Durante a reconstrução da sociedade nova não pode ser permitido aos ex-capitalistas e seus laços a sabotagem deste trabalho.

O sistema sovietico de representação é bem mais representativo que a democracia burguesa. O este Estado operario, absolutamente necessario durante o periodo de transição do capitalismo ao comunismo, ou não tenho nenhum receio que perdure e se torne permanente. Quando a sociedade estiver restabelecida sobre uma base comunista não haverá na sociedade classes sob o ponto de vista economico e então o Estado não será nem util nem necessario. E os os anarquistas ou outros extremistas que fazem eco com os capitalistas gritando *Abaixo a ditadura do proletariado!* quizerem estudar a evolução da Revolução russa ellas deverão reconhecer que a ditadura é uma tactica que se impõe essencialmente.

A traição de Emma Goldman

Infelizmente alguns revolucionarios perdem-se pelo espirito do seita. Não foi o seu partido que fez a Revolução voltar-se contra ella. Teem em maior

consideração o seu grupo e as suas theorias que a Revolução social.

E vá de condenar os bolcheviques com mais cerimonia do que o fazem os burgueses. Eu lastimo ver Emma Goldman e outros anarquistas entre os peores inimigos da Revolução russa. Uma tal attitude é incompreensivel, des-nos var: creaturas se dizem revolucionarias a combater sistemáticamente a Revolução.

Que elles não concordem com os detalhes da Revolução vá, é natural. Há muitas coisas que os desagraria ver fazer doutra maneira. Mas os posso garantir se elas poderiam ser feitas de outro modo? Pois se a Revolução é uma experiencia inteiramente nova, como poderia engendrar theorias para a realizar se não os acontecimentos que foram as theorias? E como eu não sou parte na Revolução, se vivo afastado dela, como estou em condições de a considerar e criticar?

Quando esteva na Russia Emma Goldman era ignorada dos bolcheviques. Isto não poderá ella perdur um anno mais. Nós, americanos, que a conhecemos, não temos a esse respeito nenhuma duvida. O certo, é que a imprensa capitalista põe os seus dispor as suas melhores colunas nas quais ella boia veneno sobre veneno.

Na sua juventude Emma Goldman fez propaganda revolucionaria. Com a idade, porém, ella foi deixando o tom e enveredou para as questões de ethica e de literatura. Ignora tudo que questões economicas e teve sempre o cuidado de não travar discussões a este respeito e as suas vagas abstrações sobre liberdade, a que ella chama anarquismo, não podem chocar quem quer que seja. Ella não tomou nunca uma parte activa nas lutas operarias e assim ella não teve nunca nenhuma importancia no movimento sindical.

Qualquer que sejam as censuras e maldições de alguns renegados ellas não atingirão a Revolução russa. Os Sovietes tem feito face durante sete anos á frente unica dos capitalistas e esta luta só serviu para fortalecer a.

A Revolução russa fica incontestavelmente o maior acontecimento da Historia.

Outras revoluções se tem produzido. A substituição dum governo por outro é um facto comum e banal. Mas nunca, até hoje, em nenhum país, os trabalhadores haviam tomado posse das instituições, convertendo-as e adoptando-as ao seu ideal e ás suas necessidades. E' este o acontecimento capital.

Qualquer que sejam as censuras e maldições de alguns renegados ellas não atingirão a Revolução russa. Os Sovietes tem feito face durante sete anos á frente unica dos capitalistas e esta luta só serviu para fortalecer a.

Jay Fox

Nota. — O autor deste artigo Jay Fox foi o leader principal proletariano do movimento anarquista na America do Norte, ha trinta anos. Emma Goldman representa a alta pequena burguesia e intelectualista e nos ultimos anos consagrou-se do preferencia á propaganda sexual, á arte dramatica e outros temas deste genero.

Jay Fox aderiu aos *Quadrantes do Trabalho* em 1886 e tomou parte nas grandes greves que tiveram lugar neste ano em Chicago. A revolta de "Haymarket" foi dele um bom revolucionario. Militou nos sindicatos dos ferajadores e dos ferroviarios. Foi publicer numerosas obras anarquistas e foi preso em 1894 quando do attentado a Max Kinsky. Nos ultimos annos representou um papel muito activo no I. W. W., a liga sindicalista da America do Norte e no Partido Operario e Campones a que aderiu em 1924.

O proletariado só necessita do Estado temporariamente. Não discordamos dos anarquistas sobre a questão da abolição do Estado, como objectivo final; porém, afirmamos que para a obtenção deste objectivo devemos fazer uso, temporariamente, dos metodos do Estado contra os exploradores, do mesmo modo que a ditadura transitoria das classes oprimidas é necessaria para a supressão de todas as classes.

Lenine
Biblioteca Comunista
Volumes publicados

- Lenine: Os Communistas e os Camponeses, 1250. — Pelo correio, 1270.
- J. Carlos Bates: O papel das Comunas e a Questão Agraria, 2800. — Pelo correio, 2820.
- Mara e Engels: Manifesto Comunista, 2250. — Pelo correio, 2280.
- Pedidos a Ferreira Godinho, rua do Aroo do Marquez de Alegrete, 30, 2.
- "O COMUNISTA" vende-se na Secretaria da Biblioteca do Brasil, no Bloco do Restaurador.

Do livro *A Russia dos Sovietes*.

Kerensky, então ministro da guerra e da marinha, assediado pelos representantes dos países estrangeiros, lançou a offensiva na frente austriaca, sob o comando de Kornilov, que deveria converte-se, como estava previsto, num tremor de desastre.

Então Kerensky querendo eluir a influencia crescente dos Sovietes convocou uma especie de parlamento provisório com representantes de todas as correntes. Os bolcheviques tomaram parte nesta assembleia mas não tardou que Trotsky falando em nome deles declarasse que Kerensky trata o povo, aliando-se aos contra-revolucionarios e que os bolcheviques nada tinham que fazer ali. Então, os bolcheviques abandonaram o parlamento provisório no meio de grande ruído preferindo palavras como estas: *Petrogrado está em perigo! A revolução é o povo está ameaçado! Só o povo pode salvar a pátria! Viva a paz (mediata e democratica)! Todo o poder aos Sovietes! Toda a terra e todos os seus bens são communas!*

Lenine, de seu refugio, onchia o pain de escritos eaves sob o titulo geral: *A Rússia agraria*, onde desenvolveu o programa de ditadura do proletariado, as tarefas dos Sovietes e denunciava a obra reaccionaria do governo Kerensky e dos seus aliados, os mencheviques e socialistas revolucionarios da direita. Os socialistas revolucionarios da esquerda mostravam-se descontentes e consumavam acremente o governo de nada ter feito em favor do povo.

As forças dos bolcheviques avolumavam dia a dia. De 17.000 soldados do Petrogrado, 14.000 manifestaram-se a seu favor. Em Moscovo na eleição do Soviete a porcentagem dos mencheviques e socialistas revolucionarios baixára do 70 para 18. E Lenine concluia destes resultados: *E' insignificosmos os socialistas revolucionarios da esquerda a maioria nos Sovietes, no exercito e no pais.*

O Soviete de Petrogrado tomou então uma resolução usada: deu ordem ás unidades militares para se não submetterem ás ordens do Estado Major sem simplesmente ás suas. Kerensky declarava sobre a conveniencia de combater os bolcheviques, ordenava novas prisões e perseguia os jornais extremistas. Mas os operarios continuavam a organizar comícios sobre comícios ás portas das fabricas, nas praças e russa contraes da cidade.

Lenine propoz então ao Comité Central do seu partido que se lançasse imediatamente mão do poder por uma insurreicção geral.

— O nosso Comité — diz Zinoviev — não foi da opinião de Lenine. Parecia-nos a quasi todos que era demasiado cedo e que os mencheviques e socialistas revolucionarios continavam ainda bastantes partidarios e influencia. Ao saber isto Lenine deixou o seu refugio na Finlandia, e sem esconter as nossas recommendações de prudencia, aproximou-se de Petrogrado para ativar a revolução immediata. Elle esboçouse duvidas, elle impulsões e hesitações.

Hoje vemos tudo claro. Mas naquele momento só Lenine tinha a clareza sufficiente para penetrar profundamente: *Nada de mais delicado: ou agora ou nunca.* E realmente a sua vontade de ferro subjugou todos os obstaculos.

E, na verdade, era tempo. As unidades militares de Petrogrado reuniram-se comícios para unidades, pronunciando-se contra Kerensky e pela entrega de todo o poder aos Sovietes.

A 4 de novembro realizou-se uma revista das forças do exercito proletario que foi coroada do melhor exito. Não havia duvida; o Soviete de Petrogrado, instalado no Instituto Smolny, era o senhor unico da situação.

A base militar de Petrogrado era a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo para a qual o Soviete nomeára comandante um joven bisinho que não tardou em demonstrar que havia assido para ocupar aquilo lugar e se a converter de pronto em dono da situação.

A ultima unidade militar a decidir-se foi o batalhão de ciclistas e para se ver até que ponto as coisas tinham chegado, basta mencionar que no comício realizado em 5 do Novembro, no Circo Moderno, em que se decidira a attitude do batalhão, falaram Trotsky e Paradolov, este, general em chefe da guarnição.

Como se vê, as duas fracções em luta, disputavam o terreno antes da batalha decisiva.

No Instituto Smolny estava instalado, há já uma semana, o Comité Militar Revolucionario.

J. Carlos Bates.